

- PR até 1952, momento em que as famílias adquiriram lotes de terras no projeto de colonização privada conduzido pela Colonizadora Rio Ferro Ltda., no estado de Mato Grosso. Para tanto, a história oral será utilizada como metodologia na interpretação das experiências vivenciadas durante o processo migratório e na nova área de ocupação dessas famílias.

Ano/Edição Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo

Título **Vozes de mulheres migrantes não apenas em 8 de março**

Autor/es **Elizabeth Ruano**

Resumo Neste relato problematizo o caráter trivial que pode assumir a noção de representação em contextos migratórios. Para tanto, retomo a minha participação em condição de representante das mulheres migrantes na mesa1 de abertura do “Seminário Regional de Cooperação Sul-Sul sobre a Proteção dos Direitos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Migrantes na América Latina e no Caribe”2, realizado em 83 de março de 2016. Essa incursão esteve demarcada pela comemoração do dia internacional da mulher e se tratou de uma homenagem idealizada pela organização desse evento às mulheres migrantes. Atualmente alcançam mais de 111 milhões de mulheres, número que representa 48% do contingente global de migrantes no mundo.

Ano/Edição Ano XXIX, nº 78, jan-jun/2016. São Paulo

NOMADISMOS

Título **Nomadismos: dos pastos ao asfalto**

Autor/es **Heinz Dieter Heidemann**

Resumo Editorial

Ano/Edição Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo

Título **Eu poderia fugir com eles (Depoimento)**

Autor/es **Paulo Pedro Garcia**, por Dirceu Cutti

Resumo Depoimento

Ano/Edição Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP

Título **Ciganos**

Autor/es **Mirella Karpati**

Resumo Quem é o cigano? O que é que faz do cigano um cigano? Uma história comum, uma língua comum- tradições e costumes comuns? Todos esses fatores, que são elementos fundantes de

Ano/Edição	<p>uma etnia e que, ao lado do território e da estrutura política, constituem um povo, não chegam a ser tão determinantes para os ciganos. Excetuando a ausência de território e de estrutura política própria, os outros elementos se revelam segmentados em variações infinitas de tal forma a constituir um quadro fluido, em permanente mutação, dando a impressão de fugir ao vínculo de uma definição. No entanto, onde quer que viva nos cinco continentes, o cigano afirma com orgulho: “Rom sim, sou cigano”.</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
Título	Entre o nomadismo e o sedentarismo: os ciganos circenses
Autor/es	Heloisa Pires Lima; Rosana Fernandes
Resumo	<p>Tendo como base o depoimento de um cigano circense, este artigo propõe-se levantar, para reflexão, algumas questões sobre o nomadismo no contexto urbano. Para entender a relação ciganos/circenses em São Paulo, entre 1994 e 1996 foi acompanhado o cotidiano do patriarca de uma família que afirma ser de origem cigana e cujo círculo familiar mantém vínculos estreitos com atividades circenses. Fomos encontrá-lo pela primeira vez num espaço à beira da marginal Tietê, perto do prédio do jornal “o Estado de São Paulo”. tão paulistano e corriqueiro como as cantoneiras que se formam às margens da cidade. Trata-se de José António Sbano, viúvo, 73 anos e cinco filhos.</p>
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP
Título	A globalização e o espaço do cidadão: espaço global – mundo fragmentado
Autor/es	Virgínia R. S. Bueno
Resumo	<p>Tenho por 12 anos desenvolvido pesquisas empíricas junto aos vários grupos ciga nos presentes, principalmente na região da Grande São Paulo e entre estes notadamente o subgrupo “calon” (dialeto cale), cujos membros são tradicionalmente nômades e que viviam em pequenos e médios acampamentos espalhados pela região. Paralelamente à pesquisa, desenvolvi alguns projetos que visaram a uma melhor integração entre estes e a sociedade majoritária. A criação da Primeira Escola Itinerante destinada à alfabetização bilíngue entre os calons foi um destes projetos. e graças ao apoio internacional conseguimos ao longo de quatro anos, alfabetizar 427 crianças</p>

<p>Ano/Edição</p>	<p>e adultos, bem como facilitar a obtenção de documentos legais a 672 calons. Tais demonstrações evidenciam a imensa marginalidade a que este grupo étnico está submetido dentro do contexto nacional. situação não muito diferente de outras partes do mundo, principalmente na Europa e América do Norte, onde também ocorrem estas manifestações de marginalidade sócio-política entre os subgrupos Kalderash, Manuche e Sinti.</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Nas trilhas de Lampião – o nomadismo como estratégia</p> <p>Ana Cláudia Duarte Rocha Marques</p> <p>Terra de todos e de ninguém: a presença dos fora-da-lei no sertão nordestino remonta ao período colonial. Antes de perguntar-se <i>qual</i> é a lei, parece ter sido amiúde mais relevante para o sertanejo a certeza de saber quem a dita primeiro, de acordo com o local e com as circunstâncias, Deste modo, o caráter relativo da lei apresenta-se à superfície, como um dado adquirido e partilhado por todos e como um corolário da constatação de que ela é absoluta para cada um daqueles que a ditam. Em um confronto entre dois ehelt2s locais, isto é, entre dois grandes grupos de aliados, infringir as leis de um deles pode ser condição de fidelidade ao outro. Quantas histórias de vida foram marcadas por um crime cometido um dia e pela posterior proteção obtida junto a um chefe poderoso, capaz. de controlar a máquina jurídica local, livrando o dos aborrecimentos que esta poderia causar-lhe? Quantos jagunços iniciaram assim sua trajetória de guerra?</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p>	<p>O que distingue o nomadismo da migração? O caso do cangaço de Lampião</p> <p>Jorge Luiz Mattar Villela</p> <p>Certos grupos humanos têm na adoção de um modo de vida marcado pela mobilidade espacial o fator fundamental de sua especificidade. Contudo, ciências como a Geografia, a História. a Sociologia e a Antropologia confundem sistematicamente as noções de nomadismo. transumância e migração. tornando nebulosas algumas particularidades que subsistem entre os grupos que têm aquele fator em comum. Através da análise de algumas formas de banditismo, proponho uma definição de nomadismo. muito influenciada pela de Deleuze e Guattari</p>

Ano/Edição	<p>(1980). capaz de preservar e ressaltar a singularidade dos modos de vida que se inscrevem sob este signo, Baseando-me em Leori-Gourhan (1965) e Raffestin (1980), apresentarei as principais características da territorialização sedentária e o modo de deslocamento do migrante daí decorrente. Deste modo ficará bastante nítido como a qualificação do espaço efetuada por alguns tipos de banditismo é próxima daquela do migrante. A segunda parte deste artigo concerne propriamente ao nômade. Nela. veremos qual é a principal característica definidora do modo de organização espacial nomádico. Em seguida. o caso do cangaço de Lampião será utilizado para ilustrá-la.</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>
<p>Título Autor/es Resumo</p> <p>Ano/Edição</p>	<p>Trecheiros e pardais – trajetórias nômades</p> <p>Felipe Faria Brognoli</p> <p>Os termos TRECHEIRO e PARDAL são pouco conhecidos por pessoas de fora dos limites da vida nômade e mesmo daqueles que têm com eles algum contato mais direto. Seu (ISO parece circunscrever-se. cm grande medida. aos próprios andarilhos, constituindo assim uma categoria nativa. Podemos perceber uma articulação das definições acerca dos TRECHEIROS girando em torno de três eixos principais. igualmente articulados entre si: um eixo espacial. outro moral e um terceiro temporal, O primeiro deles refere-se ao deslocamento espacial e separa TRECHEIROS e PARDAIS segundo o trajeto percorrido. Estes adotam. geralmente. percursos estabelecidos e relativamente pequenos - dentro de uma mesma cidade ou entre cidades próximas - se comparados aos trajetos dos TRECHEIROS, indeterminados e amplos. Outro eixo refere-se a uma qualidade moral que associa honestidade e apego ao trabalho aos TRECHEIROS. na voz destes mesmos. enquanto os atributos opostos são dirigidos aos PARDAIS. referidos como mendigos. vagabundos. ladrões. aproveitadores. “parasitas”. A acusação de —parasitismo” aqui ganha relevo particular porque tal termo implica em reconhecer a ausência de movimento e o recurso de viver às custas de outros como estando interligados, o que, para efeitos de estabelecimento de contraste, sugere um acréscimo de valor moral aos que recusam tanto uma coisa quanto a outra. No entanto, o “acharque” constitui tática central de sobrevivência para ambos e não o trabalho, O terceiro eixo. que também está associado ao anterior caráter temporal.</p> <p>Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP</p>

Título	Habitantes de rua – um caso de nomadismo urbano
Autor/es	Claudia Turra Magni
Resumo	<p>A ideia vigente de que a população que vive na rua é migrante, oriunda da zona rural ou de cidades do interior, buscando adaptar-se ao meio urbano, não é de todo desprovida de razão. No entanto, limita o assunto à temática do êxodo e ainda oculta uma questão mais importante: embora haja algumas exceções, O sujeito que passa a viver na rua tem que se deslocar constantemente por pressão ou conveniência. de modo a se adaptar às condições sócio ecológicas do meio urbano. Excluída de um mercado de trabalho rentável. frequentemente sem vínculo ou apoio familiar, induzida a optar por morar em aglomerados sub habitacionais ou a viver na rua, esta população acaba por fazer da mobilidade, não apenas um período transitório, como ocorre com a migração. mas uma fôrma de vida, mantida ao longo dos anos e através das gerações. O termo trecheiro, utilizado por muitos moradores de rua para se autodesignarem. é bastante sugestivo: refere-se àquele que vive no “trecho”, parando nos caminhos e se deslocando com muita frequência. No constante recomeço, em que quase nada é estável ou permanente, a fragilidade de seus vínculos com o trabalho, a família. a moradia, revelam uma vida marcada pela fragmentação. A noção de nomadismo, usada com fins analíticos, confere um corpo teórico ao modo de vida deste segmento social, e representa uma forma de resgatar a lógica própria que caracteriza as suas condições de vida, Segundo Sahlins, (1977), a existência nômade não possui um protótipo genérico devido às riquezas empíricas com que se apresenta. com seus problemas de vida próprios e suas circunstâncias de meio ambiente. A cidade moderna. portanto. pode ser entendida como um tipo ecológico especial da vida nômades mesmo que ela se configure, neste meio, de forma aberrante, pois a estrutura c a ordem social das cidades e da própria civilização. têm as bases de seu desenvolvimento fundadas no sedentarismo.</p>
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP
Título	À Romá (poesia)
Autor/es	Zurca Sbano
Resumo	Poesia
Ano/Edição	Ano X, nº 27, jan-abril/1997. São Paulo-SP